

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 4313. Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Telef. 4177 - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Depois do Dilúvio

Anseio divulgado nos que atingiram idade de pensar e entender a vida social, consiste em descortinar a perspectiva futura derivada do cataclismo presente. Um investiga se conservará o conforto doméstico adquirido com trabalho afanoso e sacrifício duro; outro emociona-se com a dúvida se continuará circulando no seu automóvel; mais outro se guardará o palácio, jardins e bosques. Cada qual pretende manter o ritmo de hábitos adquiridos, movimentos, contactos, sabores, cheiros, vistas, rumores e sons a que a sensibilidade se afeioou por modo a constituir parte integrante do ser, modelarem a natureza, darem à consciência a representação do mundo externo.

Para todos o desaparecimento das impressões usuais equivaleria a alterar a noção da existência, inverter-lhe o sentido, como se mudassem de planeta. Exagerando o receio do que nos espera no fim da aventura, muitos se abismam angustiados com o desespero de salvação. Há também os confiantes no começo de era mais venturosa que a decorrida, um mundo melhor arrumado, com gente melhor servida na distribuição de cómodos e prazeres.

Enganam-se estes e aqueles pelo motivo essencial de que jamais ao néscio e ao sábio se permitiu descrever a cara e o génio do menino que está para nascer. Tem de sair à luz, berar e pernear antes de perceber-lhe o feitio. Apenas adiantamos que virá diferente do pai e do avô e adquirirá jeitos próprios no ser e parecer.

Tal qual o possível de alvitrar sobre o tempo novo que há-de começar quando morrer o entrado na agonia, vai para cinco anos. Grande alteração de fisionomia, sim, devemos esperá-la, devido a deslocação ou invasão dos pontos de referência da nossa posição no espaço. Trata-se por enquanto de aniquilar o que existia para facilitar o sustento e segurança da vida; destrói-se a riqueza acumulada e transmitida de geração a geração; alteram-se as bases da simpatia e valor humanos. E quanto basta para calcular a diferença abismal do que lá vai para o que lá vem.

Nem o conforto doméstico, nem o convívio, o trato, as relações, contactos e impressões dos sentidos podem equivaler ao apercebido nos tempos anteriores ao dilúvio de ferro e fogo que submerge grande parte do globo.

Deram conta disso os próximos por notarem a ruína de quanto os rodeava; também o reconhecem os mantidos a distância em sítios onde não chega a descarga directa da tormenta. Esses da América, pela distância isolados da fúria destruidora, já clamam por estudiosos aplicados a preparar o futuro, sinal de que o temem embaraçoso, assustador, difícil de suportar.

Eles bem sabem que destruída a riqueza, antes manuseada por milhões de afortunados, na Europa vai ficar uma multidão infinita de miseráveis a quem não será permitido um gozo,

o mais leve excesso de dispêndio, por acharem em minguia a bucha e o agasalho. Em vez do automóvel para todos, contido na promessa anti-diluviana, sucederá, talvez, o automóvel para nenhuns, se tomarmos o carro pessoal como representativo da felicidade na era mecânica.

As cidades destruídas na Rússia, na Alemanha, na Itália, na França, na Inglaterra apontam à piedade universal o desaparecimento de milhões de proprietários urbanos, substituídos por outros tantos mesquinhos da fortuna, a quem faltará o pão muito antes do automóvel. E com essa falta muito há-de sofrer o industrial americano que se verá de braços caídos, sem consumidor para as suas máquinas.

Não se trata de os valores mudarem de mão, pois somente se verifica o desaparecimento do valor que na posse do particular ou da colectividade rendia a subsistência de muitos. A guerra actual não faz como na convulsão comunista em que os bens mudam de dono; agora desaparecem o dono e os bens, restando o deserto ou a selva primitiva, como no começo das eras.

A civilização tem de recomeçar. Voltaremos à vida insegura, ameaçada, ao eclipse da bondade e simpatia, porque o desespero da pobreza tornará duros e cruéis os vivos que restarem.

O quadro ante-visto não é sedutor. Mas se a destruição continuar, cidade atrás de cidade, granja atrás de granja, caírem em ruínas, onde restará uma alma capaz de apiedar-se com a desventura alheia? Não se vislumbra quem fique com carinho para acalentar uma dor, curar uma ferida, se vemos todos iguais a gemer a mesma penúria, a padecer o desconforto.

Entendamos que bons e compadecidos não são os que sofrem. Apenas dos felizes, bem acomodados, brotavam os anseios caritativos. Desgraçados não socorrem outros desgraçados. Por isso foi que na Idade Média, também desprovida pelos bárbaros de toda a riqueza acumulada no correr de muitas gerações, se morria de lepra, ao abandono pelos caminhos, se padecia fome que ninguém atenuava, e os andrajosos minados de bichos se contavam por torrentes tão naturais como as ortigas à beira dos caminhos.

Na dúvida preparemos o ânimo para o cómodo menor que o fruído antes do dilúvio que ainda não cessou de subir.

Samuel Maia.

Aos nossos assinantes

Pedimos aos nossos estimados assinantes que não satisfazam, a ninguém que, nesse sentido, se lhes dirija, as importâncias das suas assinaturas, senão quando lhes sejam apresentados os respectivos recibos devidamente assinados pelo Director deste jornal.

Quando?...

Quando é que vós, espadas assassinas,
Espadas homicidas,
Haveis de criar rosas e boninas,
Exalar para a vida essências finas
Inebriando vidas?...

Quando é que vós, espadas de aço forte,
Forjadas no rancor,
Haveis de recalcar o fio e corte,
Haveis de derrubar p'ra sempre a morte
Exterminando a dôr?...

Quando é que vós, espadas rebrilhantes,
E frias como o gelo,
Haveis de vergastar os vis farçantes,
Os monstros da ambição, os traficantes,
Piratas de ruim pêlo?...

Quando é que vós, espadas refundidas
Num enorme cadinho,
Haveis de ser enxadas bem pulidas,
Haveis de revolver fortalecidas
Na terra, o pão, o vinho?

Quando heis-de ser, p'las pontas levantadas,
O emblema da Cruz?
Assim, em vez de rudes cutiladas,
Haveis de dar aos povos alvoradas
Duma divina luz!...

Fevereiro de 1944.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

No meu cantinho

O rodapé de Júlio Dantas sobre *O cinema e a história* pode figurar entre os melhores dos seus excelentes folhetins. Tenho somente pena que a História não vista o seu H maiúsculo. E até o Cinema gostaria de um C grande.

Plínio Salgado.
VIDA DE JESUS.
Perto de 700 páginas.
Um verdadeiro Missal.
Edição soberba.
Revisão de completa minúcia. Perfeita.
Poemas em série.
Erudição em catadupas.
Descrições ultra-magistrais.
Jorge da Costa Antunes não encontra no dicionário adjectivo apropriado ao livro.
Chamando-lhe divino, será pouco?
G.

Dr. José J. de Oliveira

Faz anos no próximo dia 17 o prestigioso Governador Civil do Distrito, Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira, que, em toda a região, conta com as maiores simpatias e dedicações, conquistadas pelas fulgurantes qualidades de inteligência e de carácter de que é possuidor. Está, pois, em festa, dentro de poucos dias, o lar do presente Cidadão a quem «Notícias de Guimarães» endereça, com as mais calorosas saudações e votos de muitas prosperidades, os seus respeitosos cumprimentos.

Por alma da benemerita Senhora D. Eulália da Cunha Costa e Melo

Em reunião conjunta das Direcções dos quatro estabelecimentos de beneficência - Santa Casa da Misericórdia, Ordem de S. Francisco, Irmandade dos Santos Passos e Oficinas de S. José, que foram contempladas com propriedades no testamento da virtuosa Senhora D. Eulália da Cunha Costa e Melo, há ano e meio falecida nesta cidade, foi deliberado realizar-se com o máximo esplendor, no dia 29 do mês corrente, às 9,30 horas, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, a projectada homenagem, umas exéquias solenes, em sufrágio da alma da mesma insigne Beneficitora.

De Braga vêm tomar parte alunos do Seminário Maior, com os seus superiores, desempenhando-se do canto litúrgico o Orfeão do mesmo Seminário. Assistem também os alunos do Seminário da Costa e uma deputação do Seminário das Missões Ultramarinas, estabelecido em Cocujães, todos pela mesma Benemerita largamente contemplados.

A Comissão Organizadora vai dirigir convite a todas as corporações beneficiadas em particular, e ao bom povo desta cidade em geral, para que se associem devotadamente a esta solene e pública homenagem, que será esplendorosa, e bem digna daquela que tão cristamente dou os seus bens à Igreja, aos doentes e aos necessitados.

Juíz de Direito

Em substituição do Sr. Dr. Pais Rovisco, há tempos nomeado para esta Comarca e que recentemente foi passado à inactividade, acaba de ser colocado nesta Comarca o Bacharel João Leal, Juíz de Direito de 1.ª Classe, servindo no Magistério Judicial das Colónias.

A S. Ex.ª, que deve tomar posse oportunamente, apresenta «Notícias de Guimarães» os seus respeitosos cumprimentos.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

O Sarau Literário-Musical

realiza-se no próximo dia 18

Por motivo de força maior foi transferido do dia 16 para o dia 18, o Sarau Literário-Musical, promovido pela Sociedade Filarmónica Vimaranesa e que tem lugar no Salão-Ginásio do Liceu de Martins Sarmiento.

Tomam parte nesse Sarau, conforme noticiámos já, o dis-



Mademoiselle Francine Dubernet



Dr. Bertino Daciano

tinto professor, Dr. Bertino Daciano, Director do Instituto de Cegos do Porto, e Mademoiselle Francine Dubernet, que executará, em violino, algumas composições no decorrer da conferência que vamos ter o prazer de escutar ao ilustre conferencista.

O programa é o seguinte:

I - Algumas palavras de apresentação pelo ilustre Presidente da Direcção, Sr. Dr. Joaquim Pereira de Carvalho.

II - «A-propósito dum vimaranense ilustre - Fr. Domingos de S. José Varela». (Conferência pelo Sr. Dr. Bertino Daciano). - Sumário: - I. Alguns dados biográficos de Fr. Varela; II. A sua cultura e a sua arte; III. O organista e o organeiro; IV. Fr. Varela e outros tangedores de tecla nacionais; V. A música em Portugal - exame retrospectivo; VI. Arqueologia musical; VII. Um lamento e um protesto.

III - a) Carlos Seixas (Séc. XVIII) - «Tocatta em mi menor»; b) Sousa Carvalho (Séc. XVIII) - «Tocatta em sol menor». (Solos de Piano pelo Prof. Sr. José Neves, do Conservatório de Música do Porto). - Nota: Estes dois trechos servem para exemplificar a música polifónica portuguesa da época de Fr. Varela.

IV - Vivaldi - «Concerto em lá menor» (Allegro, Largo e Presto); V - Wieniawski - «Romance»; VI - Sarasate - «Playera»; VII - Monti - «Czardas» (a pedido). (Solos de Violino por Mademoiselle Francine Dubernet. Ao Piano, o Prof. Sr. José Neves).

Portugueses de amanhã

O importante Diário «O Comércio do Porto» ouviu ultimamente, em resposta ao seu inquirido, o Sr. Dr. Manuel Monteiro, individualidade que desempenhou no actual regime cargos dos mais elevados na política nacional e que foi Juíz-Presidente dos Tribunais Mistos Internacionais de Alexandria, em cujas funções soube conquistar os mais lisonjeiros títulos de Glória. A muita consideração que temos pelo talento e pela honestidade de S. Ex.ª, e, ainda, pela sua muito autorizada opinião, levamos a ler, com a maior atenção, o que disse ao referido Diário. Entre outras coisas, o Sr. Dr. Manuel Monteiro disse o seguinte:

com a evolução espiritual das novas gerações. Só quando regressado, definitivamente, e essas coisas, sem que as procurasse, foram chegando ao meu conhecimento, é que me demorei um pouco a considerá-las. Deparam-se-me, então, as medidas tomadas para dificultar à juventude o acesso às chamadas profissões liberais. Em Portugal sempre existiu como anelo máximo dos pais com possibilidades de manter filhos nos estudos, o fazer destes bacharéis. Com o propósito de opôr um dique à superabundância de doutores saídos das diversas Faculdades, adoptaram-se programas de ensino que são, quanto a mim, pouco menos que esterilizantes. Estiola-se a mocidade, obrigando-a a um esforço extraordinário, sem vantagem apreciável. E o pior é que nem assim se conseguiram distrair as atenções dos novos para a agricultura e para a técnica, criando para estas actividades as elites indispensáveis para que o nosso País possa acompanhar o progresso. Depois, também se não enida, convenientemente, nas escolas, da educação. O tempo é necessário, todo, para as matérias, extraordinariamente complexas. Sacrificam-se a estas a educação da sensibilidade e, se bem que se ensine moral, na realidade, as virtudes que formam o carácter, o culto da família, o respeito, o amor pelo que é nosso não são suficientemente enidadas. Repare que a juventude estava dividida, a bem dizer, em três grupos: um, o dos indiferentes; outro, o constituído por grande parte dos rapazes que estudam, reuindo na Mocidade Portuguesa; o terceiro, composto pelos filiados nos organismos da Acção Católica. Natural era que, aparte os primeiros, a sensibilidade dos restantes grupos se encurtasse mais apurada, mais cultivada, de maneira a vibrar perante os acou-

tecimentos que nos atingem naquilo que temos de mais sagrado, o amor da Pátria. Pois ainda recentemente a falta dessa sensibilidade e desse culto ficaram nitidamente demonstrados...

—Eu limito-me a revelar-lhe, com sinceridade, o meu pensamento. Relativamente ao ensino, parece-me — e creio que não há de acordar — ser maior, em Portugal, a necessidade de bons artifices e de bons lavradores que a de diplomados ou licenciados. Isto pelo aspecto da instrução. E, pelo da educação, julgo imprescindível a formação do carácter, da sensibilidade, a disciplina das inteligências, de maneira a que todos saibam recolher as suas possibilidades e o lugar a que têm direito, isentos de invejas e de sentimentos egoístas. O amor da família, o carinho do lar, o respeito mútuo e o culto da dedicação patriótica tornarão forte, espiritualmente, a nossa juventude. Reunida esta força à do desenvolvimento físico, teremos, novamente, motivos para nos podermos orgulhar. Isto, porém, importa um programa de conjunto, extraordinariamente grandioso. Para o elaborar, olhar alto e a distância... Serão, também, os frutos desse programa que não de condicionar, no futuro, a nossa posição internacional. O carinho que mereça a sua execução nunca será, portanto, demasiado.

Na nossa qualidade de humilde colaborador do «Notícias de Guimarães» temos grande prazer em oferecer aos estimados leitores deste jornal algumas palavras com que S. Ex.^a focou o problema educativo da nossa juventude, ao qual deve ser dispensada toda a possível atenção, no sentido de a tornar capaz de constituir uma Sociedade digna sob todos os pontos de vista. Só assim, de facto, os Portugueses de amanhã poderão ser os legítimos representantes ou continuadores das Glórias conquistadas pelos Portugueses do passado. E porque o espaço não sobra ao «Notícias», por aqui ficamos.

S. S.

Teatro Jordão

Exibiram-se na segunda-feira, no Teatro Jordão, conforme estava anunciado, os conhecidos Artistas Brunilde Júdice e Alves da Costa, que nos apresentaram as peças *Minha mulher é um homem* e *Nocturno*, agradando a exibição, motivo por que, principalmente na primeira peça, ambos os intérpretes receberam da reduzida assistência os aplausos a que tinham incontestável direito.

Os trabalhos de Brunilde Júdice e Alves da Costa — dois nomes que têm conquistado já aplausos estrondosos quando, em companhias numerosas, pisam os nossos palcos — vêem-se com muito agrado e não são de molde a atugentar o público, muito antes pelo contrário.

Lamentamos, por isso, que pouca gente tenha acorrido na segunda-feira, ao Teatro Jordão, a apreciar e a aplaudir os consagrados Artistas.

«O SÉCULO»

É transcrito, com a devida vénia, do nosso prezado colega da Capital, *O Século*, o primoroso artigo que publicamos em fundo, no presente número, devido à pena do ilustre Escritor Dr. Samuel Maia e que tem o sugestivo título *Depois do Dilúvio*.

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

N.º 47

J. Weyman

Aventuras do

Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO X A prisão

E começou a caminhar vivamente adiante de mim, até à porta do salão, que ficara entreaberta. Chegadas ali, tomou-me pela mão e conduziu-me ao longo do corredor até uma grande sala, alegremente iluminada por um bom fogo que ardia no fogão. Todo o vestígio da ocupação dos soldados tinha desaparecido, mas a sala estava vazia.

Levou-me até junto do fogo, e ali, em plena luz, não como um fantasma, mas com as faces carminadas, cheia de

Vária

No refeitório dos Carmelitas

Quando a *Salve Regina* de Nona acaba — Nona canta-se antes do meio-dia no Carmelo —, a comunidade não deixa logo o côro. Durante alguns minutos, ajoelhados diante do Santíssimo, os religiosos fazem exame de consciência, necessário aos actos subsequentes. Sete minutos decorridos, ao som do relógio marcando as onze e meia e ao sinal habitual do Prior, os monges levantam-se e dirigem-se para o refeitório.

Ad mensam sicut ad cruceum
Ad cruceum sicut ad mensam

está traçado em letras negras por cima da porta do refeitório. E não é esse o sentido daquele exame preliminar e da salmódia do *De profundis* que acompanha a procissão dos monges?

O refeitório do Carmelo tem muito accentuada austeridade. Todos os gestos que nele se vêem e o pouco que aí se ouve significam o despreendimento e a mortificação. A sala é uma. Como no côro, a bancada, fazendo corpo com o lambris, corre ao longo das duas paredes: de um e outro lado, as duas filas das mesas. Ao fundo, a mesa mais pequena, ordinariamente de três lugares, formada em ferradura com as outras.

Tudo é pobre. As mesas são de madeira estreme, os guardanapos, dobrados, no prato e o cangirão de grés azul, formam pequenos flocos brancos sobre o castanho antigo. Só uma coisa atrai o olhar: a imensa cruz negra, sem Cristo, a cruz vazia do Carmelo, com os acoites pendurados. Por cima do lugar do Prior domina todo o refeitório, enorme, destacando-se na brancura do muro, a ensonbrar a comunidade inteira, ajoelhada a seus pés, com seu gesto descaído e triste. Numa prateleira amovível, no meio da mesa do Prior, uma caveira preside ao repasto dos monges, e fixa a imensa sala com suas órbitas cavas. Durante os raros momentos dos dias feriados, em que o silêncio não é a lei do refeitório, um irmão vem tirar a prateleira, em respeito pelo morto.

É necessário acrescentar que o Carmelo, sempre oculto, não costuma receber os hóspedes ou visitantes no refeitório. Quando, por excepção rara, algum estrangeiro à Ordem junta com a comunidade, o leitor da semana omite a passagem da Regra ou das Constituições, que usa ler obrigatoriamente.

Entram em fila os monges. Depois de se inclinarem profundamente diante da Cruz, alinham-se aos dois lados da sala, diante das mesas. *Oculi omnium...* começa o hebdomadário: «Os olhos de todos voltam-se para ti, Senhor, esperando; e tu lhe dás o alimento a seu tempo».

A colação da tarde ainda se reveste de maior austeridade que a do meio-dia; e, na luz que vai enfraquecendo, o salmo também é diferente: «Os pobres comerão e serão saciados», e todos prosseguem: «Aqueles que procuram Jaweh o louvarão. Seu coração reviverá para sempre».

Só depois do leitor da semana, já no púlpito — cátedra estreita, encaixada ao canto da parede —, haver lido alguns versículos da Bíblia, é que o sinal do Prior autoriza os monges a sentarem-se nos seus lugares e que se desdobram os guardanapos.

Há um estilo carmelitano de pôr o guardanapo em triângulo sobre a mesa, prendendo-o ao peito pela outra ponta, como há o estilo de tomar com ambas as mãos o cangirão de grés para beber e de o colocar diante sobre a prancheta ou ao lado da prancheta, conforme se deseja água ou cerveja (bem como outra bebida, noutras terras), como certa maneira de tocar o guardanapo que quer dizer que falta o pão.

O serviço de mesa — os padres capitulares, estudantes, noviços, conversos estão lado a lado — é mantido por todos e ninguém, com excepção do Prior e do leitor da semana, dele é escuso.

Mas, naquela nudez pobre — pequenas escudelas de barro escuro, cangirões de grés, colheres de osso, uma real grandeza de gestos preside aos repastos conventuais. Em silêncio, os olhos baixos, os monges co-

vida e de beleza, colocou-se diante de mim e, com voz vibrante, repetiu-me:

—Preguntais-me se creio no que ouvi? Vou responder-vos. O lugar em que o senhor de Cocheferet está escondido, é uma cabana que fica por detrás dum monte de fetos, a duzentos metros da povoação, no caminho de Tarbes. Sabeis agora o que não sabe mais ninguém, a não ser eu e minha cunhada. Tendes em vossas mãos a sua vida e a minha honra, e sabeis também, senhor de Bérault, se creio no que me disseram de vós!

— Oh meu Deus! — exclamou.

— Olhei-a tão fixamente e tão demoradamente, que alguma coisa de assustador que havia nos meus olhos passou para os seus, e fê-la recuar com um estremecimento:

— Que foi? Que tendes? — perguntou-me cheia de inquietação. — Não está ninguém aqui?...

Com todo o corpo sacudido como que por um acesso de febre, pude apenas murmurar:

— Não... não está ninguém... —

— Mas vós não estais bem, — tornou ela. — E' o vosso antigo ferimen-

tem a magra refeição. E' com o desenvolver de uma liturgia bem regulada, enquanto, a ponta do escapulário sobre a cinta de coiro, os padres de serviço vão e vêm entre as mesas. Este vai-vem silencioso, rápido e sem pressa, está perfeitamente ordenado. Entretanto cai sobre o refeitório a voz sem inflexões do leitor, até o Prior dar o sinal de haver terminado a refeição, pois logo, cortando a frase, êle diz simplesmente: *Tu ontem Domine miserere nobis*.

No Carmelo, o refeitório é por excelência o momento de toda a espécie de pequenas mortificações: andar de cruz às costas, comer de joelhos, ter um pé levantado do chão durante toda a refeição, ter uma pequena pedra na boca, andar a fazer de mendigo, sem escapulário, sem capus, sem o cinto de coiro, com outro pequeno escapulário sobre os ombros, os rins cingidos por uma corda, ajoelhando e pedindo a comida de escudela na mão.

Louis van den Bonche
(Les Carmes)

Um pouco de graça

Fr. Francisco de Sá, serventuário do cargo de esmoler-mor, no tempo de D. Maria I, tendo morrido o seu Geral em Quinta-feira Santa, mandou dobrar os sinos sem badalo.

— Com o perdão, concedido depois da morte de D. José e queda do Marquês de Pombal, aos prêsoes políticos, saíram muitos criminosos de direito comum, e, entre eles, um Toribio, que tinha sido carrasco ou algoz. Perguntando uma senhora a Nicolau Tolentino o modo de vida que êle agora seguia, respondeu o poeta:

— Eu cuido que êle hoje vive de enforcar por casas particulares.

Grémio do Comércio do Concelho de Guimarães

Em assembleia geral deste Organismo, realizada em 28 de Janeiro findo, foram eleitas, para o biénio de 1944-45, as seguintes emprêsas:

Mesa — Presidente, Manuel Caetano Martins; 1.º Secretário, Teixeira de Abreu & C.ª, Lmt.ª, representados pelo sócio Sr. António Emilio da Costa Ribeiro; 2.º Secretário, Benjamim de Matos & C.ª, Lt.ª, representados pelo sócio Sr. Benjamim Constante da Costa Matos.

Direcção — Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª, Sucrs., representados pelo sócio Sr. Casimiro Martins Fernandes; José Mendes Ribeiro Júnior e José Fernandes Martins.

Assembleia Geral, na Santa Casa da Misericórdia

Em segunda convocação, devem reunir, hoje, às 10 horas, na Santa Casa da Misericórdia, os Irmãos da respectiva Irmandade para tomarem conhecimento de uma exposição da Mesa Administrativa daquella Instituição e se pronunciar sobre assuntos que à mesma interessam.

Espera-se que esta Assembleia seja muito concorrida.

Transcrição

Com a devida vénia, transcrevemos do nosso prezado colega de Braga, «Correio do Minho», a crítica que, com o título «A Servidão de Barcelos a Guimarães», ali publicou o nosso prezado amigo e distinto Colaborador Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes, visto tratar-se de um assunto que diz respeito a este concelho.

to que vos faz sofrer, não?... Compreendo...

— E', realmente, — balbuciei, — é êle...

— Vou chamar o Clou, — disse ela com uma grande expressão de interesse por mim.

Mas logo um soluço lhe acudiu: — Ah! pobre Clou! Morreu!... Mas tenho ainda o Luis... Vou chamá-lo e êle vos dará alguma coisa...

A menina de Cocheferet saía da sala antes que eu pudesse detê-la; e eu, possuidor desde aquele instante do segredo que me levaria a tão longa jornada, podendo valer-me dêle imediatamente, eu, ficava no mesmo lugar e considerava-me o mais infeliz dos homens. O suor inundava-me a fronte. O meu olhar errava em torno da sala, e por fim voltei-me para a porta, num desejo alucinado de fugir, de fugir para longe dela, para longe daquela casa, para longe de tudo, e tinha já dado alguns passos quando da porta exterior me chegou um ruído de pancadas precipitadas que me fêz crispar os nervos. Logo, contente de entrar em acção, contente não

«A Servidão de Barcelos a Guimarães»

Por J. Mancelos Sampaio.

(Divulgação pela Câmara Municipal de Barcelos, 1943)

Não vejo qualquer utilidade com a publicação dum folheto como este, que foca um problema morto, e que em seus tempos veio pôr duas cidades minhotas e importantes frente-a-frente. O assunto está arrumado: fábula, lenda, historietta — que importa para a História nacional, para ainda agora o trazer a lume com ares de última palavra? Que interesse pode ter este livrinho, onde o brilho literário não é seu forte, nem o tema sai escorrido na sua ebulição? Para que se há-de publicar uma obrinha com muitas citações, e intervalos, e devaneios, à volta de um problema de que ninguém fala nem se pracula avivar, porque outros assuntos preocupam os homens? Tem o «caso» Barcelos-Guimarães aquella «actualidade» flagrante, que valha a pena deitar abaixo prateleiras, compulsar manuscritos, anotar in-fólios, rever obras velhas, e vir colocá-lo à luz com revelação, que se esperava? Que interessa hoje um problema restrito a duas terras — se há tantos usos de interesse geral a resolver, tantos assuntos d' ordem genérica a estudar, se estamos num índice da História que chama a nossa atenção, a atenção de todos para o porvir incerto, que evoca o esforço humano para uma colaboração de conjunto a fim de se encerrar o futuro?

Há espíritos que se deixam tomar pelo pó dos alfarrábios, e pensam que as questões se resolvem juntando datas, citações, cultura antiga — retomando temas insignificantes. Pensam que o curso dos acontecimentos parou? Pensam que alguém os escuta, se a sua voz for a voz de outras eras? Que grande erro e que pena não poderem pensar que a vida continua sempre, e o homem traz, consigo, novas questões, novas inquietudes, novos temas. Então esses espíritos impregariam melhor o seu tempo: dir-nos-iam coisas actuais, sem o pó dos arquivos, sem bolor, sem a insistência de problemas que estão sabidos e tornados a saber. O que nós queremos é novidades, assuntos actuais, temas agudos de nossos dias.

Eis por que não posso concordar com a publicação deste folheto. Além do que não vejo vantagem nenhuma em retomar uma questão que já não interessa.

Depois, o Autor será um bom colleccionador de datas e terá um bom ficheiro e uma paciência generosa em andar de biblioteca em biblioteca, de arquivo em arquivo — mas não tem a agudeza suficiente de intérprete, e quando quer concluir falha.

Ora, neste trabalho, em que o principal papel está confiado à interpretação, vemos ruir totalmente o seu Autor. Aonde se requeria o esforço espiritual enérgico para nos vir dizer a última palavra sobre o «caso» Barcelos-Guimarães, encontra-se o devaneio literário... E para um trabalho de interpretação, temos de concordar que é pouco.

A questão é mais ou menos conhecida. (Valerá a pena falar nela, mesmo em síntese? Creia o leitor que me custa muito, até em síntese, mexer neste assunto-morto e que já não tem qualquer interesse para as duas cidades minhotas). Mas vamos: diz-se que os barcelenses não cumpriram em Ceuta, quando da expedição de D. João I, «acudido» os vimaranenses. O Rei, como castigo, obrigou a gente de Barcelos a varrer as artérias de Guimarães.

A' volta dêste tema, que não tem qualquer valor histórico, escreveram-se livros de defesa e livros de acusação — deram-se um pleito próprio de espíritos dêbéis e doentes. Qual-quer cocabichinhos de aldeia se sentiu historiador e veio ao forum deitar palavra.

Mas não vemos na bibliografia que ao assunto diz respeito um nome — um nome só, daqueles que enchem uma época, dedicar-lhe atenção. Assim, por tudo, parece que o tema se circunscreve mais a uma questão de Conclua na quarta página.

importava de que coisa capaz de me tirar daquele desesperado estado de alma, corri a abrir.

— Não limiar, um dos meus criados, todo ofegante, tomou-me por um braço logo que me viu:

— Ainda bem que sois vós! — exclamou. — Depressa, vinde depressa, sem perda dum instante! Podeis ser o primeiro a chegar! Eles descobriram o segredo! Os soldados deram com êle!

— Encontraram o senhor de Cocheferet?...

— Não encontraram, mas sabem o lugar onde êle está escondido. Descobriram-no por acaso. O tenente estava a reunir os seus homens quando parti... Se formos depressa, seremos os primeiros a chegar!

— Mas o lugar? — perguntei.

— Não pude ouvir onde é... Precisamos de ir no flanco dêles para nos precipitarmos no momento oportuno... E' o único meio, senhor!

As duas pistolas que eu tinha tirado do homem de cabelos crespos estavam num coife próximo da porta. Fui buscá-las, pus o chapéu, e desce-

Serzedelo precisa de uma Escola

Pessoas amigas fizeram-nos sentir necessidade de agirmos de novo a campanha a favor da Escola da freguesia de Serzedelo, assunto êste que já temos tratado nestas colunas e de que igualmente fizemos eco, ultimamente, outros colegas nossos.

Desde Junho do ano passado que a freguesia está sem escola, o que representa um grande prejuizo para tantas crianças que se encontram em idade de frequentar aquele estabelecimento, buscando ali os preciosos ensinamentos que tão úteis lhes hão-de ser no decorrer da vida.

Há tempos foi nomeada uma professora, mas esta, ao verificar o péssimo estado de conservação do edificio onde teria de desempenhar-se da sua missão, foi forçada a abandonar o lugar.

Logo a seguir e devido às oportunas diligências de alguns habitantes, foi reparada a Casa da Escola, mas, não obstante isso, verifica-se com certo desgosto que a professora não voltou nem em sua substituição foi outra nomeada.

Existe apenas em Serzedelo um Posto de Ensino, o qual não pode, evidentemente, comportar todas as crianças que necessitam de ser instruídas. Bastantes são, por isso mesmo, as crianças que se têm de deslocar a considerável distância para aprenderem a ler e a escrever.

A freguesia de Serzedelo precisa, pois, de uma Escola Oficial, e isso não é difícil, demais que o benemérito Sr. José Pereira Tôres Carneiro, em seu testamento, previu já essa necessidade e deixou para tal uma avultada quantia.

Circunstâncias várias não têm permitido converter em realidade a vontade do saudoso morto, apesar de ter sido feita já oferta do terreno para a construção do edificio.

Mas enquanto não for possível dar cumprimento ao legado do Sr. Tôres Carneiro, é de toda a conveniência que se procure atenuar o mais possível a falta que se vem fazendo notar em Serzedelo.

Para êste assunto, e interpretando o sentir da população daquella laboriosa freguesia, chamamos a atenção da Ex.^{ma} Câmara Municipal e do Ex.^{mo} Director Escolar do Distrito, certos de que S. Ex.^{as} procurarão tomar as devidas providências.

Conselho Municipal

Amanhã, às 21 horas, realiza-se, nos Paços do Concelho, a reunião do Conselho Municipal.

Antes daquela sessão vão trocar-se impressões acerca do debatido caso da limitação das freguesias, tendo o Sr. Presidente da Câmara convidado os representantes da Imprensa a assistirem.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . .	17\$00
Recebemos de Alguém, para 4 cegos, sufragando a alma da menina Maria Isolete de Carvalho Almeida . . .	10\$00
A transportar . . .	47\$00

Calandra

Compra-se de 3 rolos sendo 2 de papel com a largura de 0,80 ou 1,60.

Oferta à Redacção a «CALANDRA».

mos o jardim a correr. A certa altura olhei para trás, e perceeu-me que uma figura de mulher punha uma mancha negra no limiar da mesma porta por onde eu acabava de sair e por onde se via luz no interior. Mas aquella visão não fez mais do que fortalecer a resolução de ferro que se tinha apoderado de mim e de todos os meus pensamentos. Era preciso que eu fosse o primeiro a chegar; era preciso que eu mesmo effectuasse a prisão.

Quando chegamos às traseiras da locanda, ouvimos um rumor na rua do povoado, palavras breves de comando ditas em voz surda e o tintido das armas. Vimos também, por cima e entre as casas, o clarão morno das lanternas e dos fachos.

Estendi-me no chão para ouvir, e quando sabia já o bastante levantei-me e perguntei baixinho ao criado:

— Onde está o teu camarada?

— Está com êles...

— Então vem daí... Já sei o que queria...

Mas êle deve-me por um braço: — De vagar, senhor... Ides muito depressa... Convém que os acom-

O Lactário existe há 7 anos

O Lactário Municipal, simpática instituição que funciona anexa à nossa Casa dos Pobres, completou sete anos de existência no dia 6 de dêste mês, pois iniciou a sua excelente função no dia 6 de Fevereiro de 1937.

Quere isto dizer que aquella magnífica instituição de protecção às crianças pobres e doentes — instituição que a maioria dos vimaranenses desconhece quasi em absoluto — prestou já incalculáveis benefícios a muitos bebês, no decorrer dêstes anos, tor-



Dr. Castro Ferreira

nando-se por isso merecedoras do reconhecimento geral das pessoas que tornaram possível a sua instalação e que tão devotada e carinhosamente, com tanto amor e tamanha solicitude tem vindo realizando esta obra de tão grande alcance e projecção social.

A omissão dos seus nomes constituiria ingratitude da nossa parte e por isso mesmo — sabendo embora, de antemão, que vamos ferir a modestia dessas generosas pessoas — sentimos o dever imperioso de os apontar aqui, impondo-os como bem merecem ao respeito, à estima, à consideração de todos.

São êles os Srs. Dr. João Rocha dos Santos, illustre Presidente da Câmara, coração magnânimo, alma de eleição; Dr. José Maria de Castro Ferreira, illustre Director do Lactário, a cuja existência e desenvolvimento traz ligado o seu nome, os seus vastos conhecimentos clínicos e, mais ainda, o seu coração bondoso, e a Ex.^{ma} Senhora D. Maria Carolina Catella Ferreira da Conceição, bondosa e solícita Enfermeira Visitadora para quem o Lactário e os lindos bebês são motivo de mil e um cuidados e que com o coração a trasbordar de contentamento, procura servir sempre e o melhor possível.

O nosso Lactário tem a sua história, como todas as coisas. Tal história, porém, é breve.

Foi fundado há sete anos e, no decorrer dêste tempo, tem subsidiado para cima de 500 crianças pobres, dando-lhes diariamente leite, farinhas, aplicações de raios Ultra Violetas e medicamentos vários, como injeções, xaropes, etc.

No fim de cada ano, e a título de *Consolida*, as pobres criancinhas recebem um enxovalzinho e, pelo ano adiante, as mais necessitadas, vão recebendo camisas, chabres, vestidos e outras peças de vestuário.

Para se verificar a saúde dos bebês, existe no Lactário uma balança própria, na qual as crianças são pesadas de tempos a tempos. Quando se verifica diminuição de peso a criança vai imediatamente ao médico e, neste caso, o Sr. Dr. Castro Ferreira, incansável Director do Lactário, com todo o seu cuidado, com um extraordinário carinho, com a sua dedicação sem limites, procura atalhar a causa do mal.

A aquisição do aparelho de Raios Ultra-Violetas representa um melhoramento importante, mercê do qual se obtiveram já algumas curas interessantes e se têm constatado sensíveis melhoras em muitos dos petizes mais fracos.

Alguns números, agora, que são

panhemos para nos precipitarmos quando fôr ocasião. Bem vêdes que precisamos dêles para nos guiarem...

— Imbecil! — disse, desembrançando-me dêle. — Também eu sei onde é o esconderijo, e por isso não preciso dêles para nada... Vem daí. Colhere-mos o fruto antes dêles chegarem ao pé da árvore...

Tal ouvindo, o meu criado respondeu-me apenas com uma exclamação de surpresa.

A lua ainda não tinha surgido, e o céu estava coberto de nuvens. Fazer um passo para a frente, era embrenharmos-nos nas trevas. Mas já tínhamos perdido muito tempo, e não havia que hesitar. Meti-me através duma sebe que se estendia na nossa frente, e, depois, caminhando às cegas, no meio de terrenos desiguais, por detrás das casas, cheguei, a custa duma ou de duas quedas, a um pequeno curso de água profundamente cavado. Entrei nele arriscando-me a tudo, e, chegado à margem oposta, alcancei a estrada para além do povoado, cincuenta metros adiante da soldadesca. (Continua).

provas irrefutáveis e consoladoras do valor do nosso Lactário:

Fizeram-se, nestes sete anos, 7.811 pesagens; atingiram o número de 943 as consultas; aplicaram-se 96 injeções e fizeram-se 15 curativos. Aplicaram-se 4.436 vacinações contra a varíola, tendo subido a 1.195 o número de aplicações de Raios Ultra-Violetas.

Distribuíram-se já 245 lindos enxovais, compostos por 9, 10 e 11 peças cada.

Independente da Ex.^{ma} Câmara Municipal, que ao Lactário tem dispensado, sempre, o melhor carinho e valioso auxílio, devem salientar-se os nomes de alguns benfeitores que estão sempre de braços abertos para contribuírem, por forma generosa, para que as crianças pobres nunca falte o indispensável amparo. Destacam-se, pois, os nomes dos Srs. António José Pereira de Lima, João Pereira Mendes, José Jacinto Júnior, José da Silva Gonçalves, António Pimenta, Alberto Larangeiro dos Reis, Pedro da Silva Freitas, João António Sampaio, Celestino Lobo, Joaquim Teixeira e Eduardo Pereira dos Santos; e ainda as Senhoras D. Angela Correia Areias e D. Emília da Silva Freitas, assim como os anónimos F. S. e L. S.

As crianças do nosso Lactário vão crescendo, assim, alegremente, sob a benemérita vigilância de pessoas competentes e amparadas religiosamente por tantas outras que, num gesto cheio de nobreza que muito as dignifica, se mantêm no louvável propósito de contribuir para que tão encantadora instituição amplie mais e mais a sua acção nobilíssima.

Aqui há tempos já, surgiu a ideia da criação de um Pósto de Puericultura, tendo-se feito à volta deste assunto, então, algumas considerações.

Parece-nos que tal sugestão foi magnífica, pois esse melhoramento complementarmente a obra já grande do Lactário Municipal.

A converter-se em realidade tal empreendimento, isso representaria um passo firme para o aperfeiçoamento da raça. A protecção às crianças ficaria a ser mais completa visto que às suas mães, em período de gestação, é mister dispensar também toda a protecção de que carecem.

Sabemos que o Sr. Dr. Castro Ferreira, director do Lactário e grande impulsor da obra encantadora Obra de Assistência, não descarta um só momento essa nobre causa a que se devota de alma e coração.

A sua volta, à volta da sua obra, em torno do nosso Lactário devem unir-se as boas vontades, as dedicações, os melhores auxílios e, sendo assim, a Instituição triunfará para honra de todos nós.

Pão dos Pobres

Entre as muitas Instituições de Guimarães que se dedicam a amparar os desprotegidos da sorte existe uma cuja acção vem de longe e se tem intensificado de ano para ano, mas que por certo ainda muitas pessoas desconhecem.

Queremos referir-nos à Instituição do Pão de Santo António, da Irmandade do Glorioso Santo Português, que se encontra erecta provisoriamente na Capela da V. O. T. de S. Domingos e que, mensalmente, distribui cerca de 200 borðas de pão por igual número de pobrezinhos que protege, independentemente da grande distribuição que há anos vem fazendo, no dia 13 de Junho, a muitas centenas de necessitados desta cidade e arredores.

Não obstante as enormes dificuldades por que estamos a passar nesta agitada época, tem-se verificado que os protegidos daquela admirável Instituição nem uma só vez deixaram de receber o seu donativo mensal em pão.

Para se desempenhar da honrosa missão que tomou sobre si conta a Mesa Administrativa daquela Irmandade com as esmolas que generosos benfeitores deixam cair com certa frequência nas Caixas do «Pão dos Pobres», se bem que muitas vezes o rendimento seja insuficiente para ocorrer às avultadas despesas que a distribuição acarreta.

Mas sabemos que não têm faltado almas generosas a prestar o seu concurso valioso para que tão bela Instituição se mantenha e possa prosseguir a sua obra em prol dos pobrezinhos, o que é sobremaneira consolador e merece ser apontado, servindo ao mesmo tempo de lembrança para que outras pessoas — e tantas há, felizmente! — possam também

da cidade

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria Virginia da Silva Costa

Contando 87 anos e confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se, na Segunda-feira, na sua residência, à Rua de Santo António, desta cidade, a senhora D. Maria Virginia da Silva Costa, viúva do saudoso escrivão-notário sr. Dr. João Joaquim de Oliveira Bastos, mãe do Sr. D. Ana do Espírito Santo Oliveira Bastos, D. Emília de Oliveira Bastos Pereira Mendes, casada com o nosso bom amigo Sr. Manuel Pereira Mendes; D. Maria da Conceição Oliveira Bastos Mota, casada com o nosso prezado amigo Sr. Eduardo Lemos Mota; D. Maria de Lourdes Oliveira Bastos, D. Virginia de Oliveira Bastos Areias, casada com o nosso amigo Sr. Augusto Pinto Areias; e dos nossos prezados amigos Srs. Dr. José Joaquim de Oliveira Bastos, casado com a Sr. D. Maria Amélia da Mota Sampaio Oliveira Bastos; Abel de Oliveira Bastos, casado com a Sr. D. Elvira de Araújo Freitas Oliveira Bastos; Inácio de Oliveira Bastos, casado com a Sr. D. Laura de Barros Martins Oliveira Bastos e Luís de Oliveira Bastos, casado com a Sr. D. Rosalina de Jesus Martins Oliveira Bastos e sogra, também, da Sr. D. Luisa Neves de Castro Oliveira Bastos.

A bondosa senhora era dotada de excelentes predicados, motivo por que era geralmente estimada no nosso meio.

O seu funeral efectuou-se na Quarta-feira, às 11 horas, no templo da Misericórdia, para onde o cadáver, que se achava encerrado em luxuosa urna de mogno, foi trasladado, de manhã, com o acompanhamento da família e de muitas senhoras e cavalheiros das suas intimas relações.

Após a missa do corpo presente, que foi celebrada pelo Rev. Gaspar Nunes e acolitado pelo Rev. Luís Gonzaga da Fonseca, e os officios de sepultura, foi o cadáver removido, em auto-funeral e com grande acompanhamento, para o Cemitério Municipal, onde ficou inhumado em jazigo de família.

A's homenagens fúnebres associaram-se muitas pessoas de todas as camadas sociais: médicos, advogados, comerciantes, industriais, professores, estudantes, officios do exército, representantes de diversos organismos, instituições beneficentes, etc.

A toda a família dorida apresentamos os nossos sentidos pêsames.

D. Branca Maria Alves Pedrosa Dias Machado

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja e contando 71 anos de idade, finou-se, na Sexta-feira, de manhã, após cruciantes sofrimentos, na sua residência, à Rua da República, a senhora D. Branca Maria Alves Pedrosa Dias Machado, dedicada esposa do conceituado farmacêutico e nosso prezado amigo Sr. José Leite Dias Machado e mãe das senhoras D. Maria da Gloria Dias Machado Pereira, casada com o nosso prezado amigo Sr. José Gilberto Pereira e D. Maria da Conceição Dias Machado.

A sua morte, já infelizmente esperada, causou muita consternação em toda a cidade.

A saudosa extinta era um modêlo de acrisoladas virtudes. Soube, como raríssimas pessoas, praticar a Caridade e possuía, a par de nobilíssimos sentimentos, uma educação primorosa.

Socorria muitas dezenas de famílias. Os pobrezinhos tinham nela uma dedicadíssima protectora e na sua casa um recolhimento certo, cujas portas se abriam, de par em par, dia após dia, para minorar o sofrimento de uns, para confortar outros, para socorrer muitos.

Quantas vezes os olhos da bondosíssima D. Branca se nariaram de lágrimas, na contemplação dos quadros de miséria que se lhes deparavam!

Ela, uma alma sempre aberta para acorrer às necessidades alheias. Vivia esses dramas muito intimamente e procurava, por forma generosa e o mais recatada possível, valer aos seus semelhantes, nas horas amargas da desgraça.

Da sua acolhedora casa saíam diariamente dezenas — muitas dezenas! — de refeições para pobres envergonhados.

Independentemente disso socorria, de uma forma ampla, com donativos em dinheiro para rendas de casa, em medicamentos e em roupas, numerosas pessoas. E quantas vezes, quando era necessário, mandava a terras estranhas buscar uma fruta, para um doente que a desejava, ou um remédio que aqui não havia e se tornava indispensável para um agonizante!

Já a forma carinhosa com que protegia os animais e o grande amor que devotava às crianças e aos vêninhos!

prestar a sua coadjuvação de olhos postos na sublime palavra CARIDADE.

Grande alma! Magnânimo coração o desta santa senhora que desapparece ante os olhares humedecidos de tantos infelizes para quem soube ser o melhor amparo e junto dos quais deixa uma imperecível saudade!

O cadáver da pranteada senhora, encerrado em um caixão sem quais quer ornatos, esteve em câmara ardente na sua residência e foi removido, ontem, de manhã, às 8 horas, para o Cemitério Municipal, em cuja capela se rezaram a missa do corpo presente e os officios fúnebres.

Com a maior simplicidade, modestamente, como modesta soube viver durante toda a sua vida, tão cheia de belas acções, a pranteada senhora foi a enterrar, ontem, conforme sua expressa vontade, tendo a acompanhada muitas pessoas das relações da respeitável família e, num gesto de gratidão e de sentida homenagem, ante os olhares consternados de muitos daqueles para quem soube ser um anjo protector e que ora deploram a sua irreparável perda.

A toda a família enlutada e dum modo especial ao desolado viúvo, apresentamos a expressão do nosso muito pesar.

D. Maria Teresa do Céu Araújo

Na sua residência, ao lugar da Cruz de Pedra, finou-se, na Segunda-feira, à tarde, confortada com todos os Sacramentos da Igreja, a Sr. D. Maria Teresa do Céu Araújo, esposa do nosso amigo e activo empregado da importante Empresa Industrial de Sampedro, Ld. de Lordeo, Sr. Joaquim Rodrigues de Araújo, a quem, assim como à restante família dorida, apresentamos condolências.

O funeral da inditosa senhora efectuou-se na Quarta-feira, às 10 horas, para o Cemitério de Atouguia, tendo-se incorporado no préstito muitas pessoas das relações da família.

Menina Maria Isoleite Carvalho Almeida

Na residência de sua mãe, ao Largo da Oliveira e na esperançosa idade de 12 anos, finou-se, na Quinta-feira, após cruciantes sofrimentos, que soube suportar com verdadeira resignação cristã, e confortada com os Sacramentos da Igreja, a interessante menina Maria Isoleite de Oliveira Carvalho Almeida, auna do 2.º ano do Liceu de Martins Sarmiento.

Poucos dias antes havia sido acometida de doença que não pôde vencer, não obstante os esforços empregados pela medicina.

O seu funeral efectuou-se ontem, no templo de N. S.ª da Oliveira, perante numerosa e selecta assistência, tendo se incorporado no préstito fúnebre a Academia Vimaranesense com o seu estandarte, professores do Liceu, Colégio do S.ª Coração de Maria e numerosas pessoas das relações da família, à qual endereçamos condolências.

O cadáver da inditosa menina, que estava encerrado em luxuosa urna de mogno e coberto por muitas corðas e bouquets com sentidas dedicatórias, foi removido para o Cemitério de Atouguia.

Conduziu a chave do caixão o illustre Vice-Reitor do Liceu de Martins Sarmiento e nosso prezado amigo Sr. Dr. Aventino Lopes Leite de Faria e presidiu às cerimónias fúnebres o Venerando Arcipreste Rev. João do Carmo Magro.

Aos actos fúnebres assistiram também diversas instituições de caridade e corporações religiosas.

(Ver secção «Beneficência do Notícias»).

Adelino Lobo Neves Pereira

Realizou-se, no Domingo, no templo da Misericórdia, o funeral do nosso inditoso amigo, Sr. Adelino Lobo Neves Pereira, cujo féretro estava coberto por muitas corðas e bouquets, com sentidas dedicatórias da família, dos amigos, do Sindicato Nacional dos Caixeiros, etc.

Após a missa do corpo presente, foi o cadáver trasladado, com acompanhamento a pé, para o Cemitério Municipal, tendo-se incorporado no préstito muitas dezenas de pessoas das relações do extinto e de sua família, Direcção do S. N. dos Caixeiros, um piquete de Bombeiros Voluntários, colegas do saudoso morto, etc.

A chave do caixão foi entregue ao importante industrial Sr. António Pimenta, patrão do finado.

Antes do corpo baixar à sepultura, o Sr. Francisco Laranjeiro dos Reis, amigo intimo do saudoso morto, em seu nome individual e no da Direcção do S. N. dos C., proferiu, junto do féretro, algumas sentidas palavras de saudade e de gratidão.

Durante o percurso foram organizados diversos turnos, pegando às borlas do atadê pessoas de família, o padrinho do finado Sr. Dr. Adelino Jorge, as Direcções do Sindicato N. dos Caixeiros, de Braga, que se deslocou a esta cidade propositadamente e da Secção de Guimarães, diversos colegas do extinto, empregados da Casa António Pimenta, etc.

Cobria o caixão a bandeira do S. N. dos C. (Secção de Guimarães).

António de Oliveira Coutinho

Na sua residência, à Rua do Padre Gaspar Roriz e contando 74 anos, finou-se o Sr. António de Oliveira Coutinho, antigo e estimado industrial de marcenaria, tendo-se realizado o seu funeral na Terça-feira para o Cemitério Municipal.

Outros falecimentos

Contando 99 anos de idade, finou-se, na sua residência, à Rua de D. João I, o antigo operário Joaquim Ribeiro Marinho, natural de Santa Eulália de Barrosas, Concelho de Lousada, mas que há muitos anos vivia em Guimarães.

Na sua residência, à Rua Dr. José Sampaio, finou-se, também, em avançada idade, a Sr.ª Ricardina de Jesus Teixeira, mãe dos Srs. Manuel e José Teixeira.

Finou-se, também, o antigo bombeiro Sr. António Francisco Lobo, irmão da Sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Lobo de Carvalho e cunhado do nosso prezado amigo Sr. Rafael Pereira de Carvalho. O seu funeral, em que tomaram parte a Direcção e Corpo Activo dos B. V. de Guimarães, efectuou se, na Quinta-feira, à tarde, da Capela de S. Domingos para o Cemitério de Atouguia.

Em casa de seus extremos pais, em S. Martinho de Candoso, e contando apenas 3 anos, finou se, no dia 8, a menina Maria Judit Mendes Rodrigues, filha do nosso prezado amigo Sr. Reinaldo Rodrigues Guimarães e de sua esposa a senhora D. Gracinda Mendes Rodrigues.

Em Santo Estêvão de Urgezes, finou-se, quasi repentinamente e contando 19 anos, o estimado operário fabril Sr. Arlindo Teixeira de Faria. A's famílias enlutadas endereçamos o nosso cartão de pêsames.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra, ocorrido no Pôrto, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. Dr. Luís de Pina, illustre Prof. da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto e Deputado à Assembleia Nacional, a quem, por tal motivo, «Notícias de Guimarães» apresenta o seu cartão de condolências.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia dia 6, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. Alberto Gomes Alves; no dia 11, o nosso prezado amigo e estimado gerente da Fábrica de Tecidos de Vila Pouca, sr. Alberto Pimenta Machado Júnior; no dia 14, o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins e o menino Alberto, filho do conceituado industrial e nosso bom amigo sr. António Pimenta; no dia 15, a senhora D. Maria Amélia da Silva, filha do nosso prezado amigo sr. Marino da Silva; no dia 16, a senhora D. Maria da Natividade Simões Meneses, distinta professora e esposa do nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Meneses, e os também nossos prezados amigos e conterrâneos sr. Dr. João Antunes Guimarães, illustre Deputado à Assembleia Nacional, e Jerónimo Sampaio, distinto correspondente de «O Comércio do Pôrto»; no dia 17, a Veneranda Senhora D. Lívia Schindler Franco, viúva do saudoso Estadista e grande Amigo de Guimarães, Conselheiro João Franco; no dia 18, a senhora D. Maria Adelaide Vaz da Costa Marques, filha do conceituado industrial e nosso bom amigo sr. António Vaz da Costa, e a menina Docinda Gonçalves, filha do sr. José Gonçalves; no dia 19, o conceituado industrial e nosso prezado amigo sr. António Pimenta, a Senhora Viscondessa de Nespereira e as Senhoras D. Ana Viamonte da Silveira e D. Maria de Lourdes Pinheiro da Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. António José da Costa; no dia 20, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Domingos Alves Machado.

No dia 31 de Janeiro fez anos o nosso amigo sr. Paulo Machado da Silva.

Também fez anos há dias o nosso prezado amigo e conterrâneo residente em Extremoz, sr. João Eduardo Alves Lemos.

Todas as Senhoras e Cavalheiros apresentam «Notícias de Guimarães», os seus cumprimentos de felicitações.

Completo, ontem, 78 anos o nosso amigo sr. José de Araújo Carvalho, de Travassos, lavrador, viúvo, de V. N. de Fomalicaço, a quem endereçamos as nossas felicitações.

Também fez anos no dia 2 a senhora D. Maria da Luz, esposa do nosso amigo sr. Francisco da Silva Guimarães.

Os nossos cumprimentos.

Partidas e ohegadas

Após uma estadia de alguns meses entre nós, onde veio de visita a sua família, regressou a Lourenço Marques o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Pedro de Freitas Saravia, a quem desejamos uma viagem feliz e muitas prosperidades.

Esteve nesta cidade, há dias, o nosso prezado amigo sr. Luis de Oliveira Ramos, do Pôrto.

Acompanhado de sua esposa encontra-se na sua «vila», Germana Guithermina, na Praia da Granja, o nosso estimado colaborador e publicista sr. Dr. Jorge Antunes.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Alberto Laranjeiro dos Reis.

Vimos há dias nesta cidade o illustre Conselheiro sr. Dr. António Vicente Leal Sampaio.

Doentes

Já se encontram melhores dos seus

TEATRO JORDÃO HOJE

ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

DUAS CAUSAS

com MIRIAM HOPKINS e ERROL FLYNN

Vibrante filme de acção em que a audácia, a bravura e o heroísmo se igualam.

QUARTA-FEIRA, 16, ÀS 21 1/2 HORAS:

A MULHER DO PADEIRO

que tem como principais intérpretes

Mirita Gasimiro-Vaseo Santana-Costinha

QUINTA-FEIRA, 17, ÀS 21 HORAS:

O interessante filme passado nas maravilhosas paisagens Andaluzas

CÉU DE ANDALUZIA

com lindas canções cantadas pelo extraordinário cantor

ANGELILLO

incómodos o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Alberto Pimenta Machado e sua esposa a senhora D. Ana Mendes Fernandes Pimenta. Tem passado ligeiramente incómodo o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

Tem estado doente a senhora D. Maria da Conceição da Silva Carvalho, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho.

Esteve doente mas já se encontra restabelecido o nosso prezado amigo sr. João Teixeira de Aguiar.

Também sua esposa a senhora D. Emília Ciampelle Teixeira de Aguiar, tem passado algo doente.

Está doente, mas já se encontra melhor, o nosso prezado amigo sr. Domingos Mendes Fernandes.

Tem passado bastante doente a senhora D. Maria da Madre-de-Deus Lobo de Carvalho.

Também tem estado doente o nosso prezado amigo sr. Francisco José Fernandes.

Tem estado doente, nesta cidade, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Custódio Ferreira de Oliveira.

Estiveram doentes mas já estão restabelecidos os nossos prezados amigos sr. Luís Ribeiro Loureiro e Armindo Coelho.

Encontram-se doentes os nossos prezados amigos sr. José Faria Martins e Silvano Alves de Sousa.

Continuam doentes os nossos prezados amigos sr. José Pinto Teixeira de Azevedo e José Pereira Guimarães.

Também têm passado doentes o distinto clínico e nosso bom amigo sr. Dr. João de Almeida, Mademoiselle Maria Isabel Ramos Camisado, sua mãe a sr.ª D. Marinha Camisado, esposa do nosso amigo sr. José Ramos Camisado, e o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Fernando Guimarães, activo funcionário do Banc. N. Ultramarino em Viana-do-Castelo.

A todos os doentes desejamos breve e completo restabelecimento.

Nascimento

Teve a sua délivrance dando à luz uma criança do sexo feminino, a senhora D. Maria Amélia Faria Martins da Silva, esposa do nosso prezado amigo sr. Adelino Gaspar da Silva.

Muitos parabéns.

Pevidém, 10 de Fevereiro de 1944.

Agostinho Rodrigues Guimarães.

Diversas Notícias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Pela Policia

A P. S. P. enviou ao Poder Judicial Elias de Oliveira, solteiro, de 21 anos, carpinteiro, da freguesia de Santa Maria de Airão, d'este concelho, e António Couto da Silva, solteiro, de 19 anos, caidador, da freguesia de Joane, concelho de Fomalicaço, acusados do crime de furto de roupas e outros objectos.

O Guarda Nocturno, António Pinto, ao qual nos referimos já no nosso último número, foi remetido ao Poder Judicial, sendo-lhe arbitrada fiança de 10 contos.

A P. S. P. está já de posse de uma pista segura, acerca do roubo praticado na sede do Sindicato N. dos Caixeiros, e espera deitar mão, em breve, ao autor d'esse assalto, que anda a monte mas é activamente procurado.

Sabe-se já que, após o roubo, o ladrão, e possivelmente os seus cúmplices, se ausentou para o Pôrto, tendo já dali retirado para parte incerta.

Registo Civil

No mês de Janeiro houve, nesta Repartição, o seguinte movimento de registos: Nascimentos, 284; casamentos, 31; óbitos, 119.

Desastre

Deu entrada no Hospital da Misericórdia, com profundos ferimentos, Domingos de Oliveira, casado, varredor municipal, que caiu de uma árvore quando andava a podar na Avenida D. João IV.

Festas Gentenárias

A Câmara Municipal de Guimarães

ofereceu à sua congénere de Baião as publicações que se fizeram por ocasião das Comemorações Centenárias da Fundação da Nacionalidade.

Incêndio

Na segunda-feira, de madrugada, foram chamados os socorros dos B. V. para um incêndio que alastrava no lugar da Vinha, freguesia de S. Jorge de Selho, numa quinta do nosso amigo Sr. Francisco Lopes Correia, de que é caseiro o lavrador José Ribeiro. O incêndio começou numa mela de palha e deve-se a acto criminoso. Os bombeiros evitaram que o incêndio se alastrasse a casa de habitação do caseiro.

Vida Católica

Fia Ass. dos A. do S. C. de Jesus — Realiza se, no próximo dia 20, às 7 horas, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, a reunião mensal desta Associação, constando de Missa, P. ática, Comunhão e Bênção do SS. Sacramento.

Solenidade das Quarenta Horas — Realiza-se, nos dias 20, 21 e 22, no templo da Misericórdia, a solenidade das «Quarenta Horas», havendo, nos três dias, às 15 horas, Exposição, Desagravos, sermão e bênção do SS. Sacramento.

Anúncio

Agostinho Rodrigues Guimarães, industrial, da freguesia de S. Cristóvão de Selho, — Pevidém — torna público que não toma a responsabilidade por quaisquer importâncias que em seu nome ou em nome de sua esposa sejam pedidos a título de empréstimo ou sob qualquer outro pretexto, visto terem-se dado estes casos ultimamente, abusando do seu nome Ana Pereira — a Pomba — da freguesia de S. Martinho de Candoso.

Pevidém, 10 de Fevereiro de 1944.

555

Agostinho Rodrigues Guimarães.

REGISTO DE MARCAS:

Comerciais, Industriais, Nomes, Desenhos Patentes de Invenção.

Informações:

Agnelo Pires

AVEN. CONDE DE MARGARIDE

GUIMARÃIS 546

CAVES DA RAPOSEIRA

GRANDES VINHOS ESPUMANTES NATURAIS

LAMEGO

Vende-se

2 moradas de casas na Rua Egas Moniz com os n.ºs 41 e 45.

Tratar com Martinho da Silva

— GUIMARÃIS.

Vendem-se

5 moradas de casas próximo desta cidade. Para ver e tratar na Empresa A Auxiliadora, Rua da República, 70 — Telephone, 4470.

553

A. Gomes, Filhos & Sá

OURIVESARIA GOMES PÓVOA DE VAZIM

Officina de Ourivesaria — Arolojaria — Joalharia — Gravadores —

Guarda-livros

diplomado, com os cursos de contabilidade e dactilografia, de 26 anos de idade, oferece-se para qualquer casa, e toma conta de escritas. Carta à redacção a guarda-livros. 554

Benvinda

Por Henri Sienkiewicz

Ora aconteceu que, certa vez, numa clara noite de luar, o omniscente, o grande Krisna, disse para consigo, após demorada e profunda meditação:

— Sim: até agora julguei que o homem era a mais formosa criatura da Terra, mas estava enganado. Ali vejo a flor de lótus, docemente agitada pelo zéfiro nocturno... Oh, sim, mais bela, muito mais bela é essa flor do que todos os seres vivos! As suas pétalas acabam de desabrochar sob a prateada carícia da Lua e não se cansam meus olhos de as contemplar... Sim, nada, nada existe entre a espécie humana que possa comparar-se-lhe — repetiu Krisna, suspirando.

Ao fim de um instante acrescentou: — E por que não hei-de poder eu, Deus, criar com a força do meu verbo um ser que, entre os homens, seja o que lótus é entre as flores? Que assim seja, pois, para maior júbilo do homem e de toda a Criação! Muda, pois, de forma, ó lótus! Convertete numa virgem e apresenta-te diante de mim!

Um suavíssimo tremor percorreu imediatamente a límpida superfície das águas, como se as leves asas da andorinha tivessem roçada por ela. Tornou-se mais luminosa a noite, a Lua brilhou no firmamento com mais fulgentes raios, e os cantos dos estorninhos soaram mais vivamente. Depois, tudo emudeceu. O prodígio realizava-se em presença de Krisna: o lótus estava revestindo a forma humana.

O próprio Deus ficou assombrado! — Flor das lagoas até agora foste: sê, de hoje em diante, a flor do meu pensamento, e fala.

E a virgem principiou a murmurar, como docemente murmuram as alvas fôlhas do lótus ao ser beijadas pelos zéfiros do estio:

— Oh, senhor! Transformaste-me em ser humano; mas aonde é vontade de tua que eu habite? Lembra-te, Senhor, de que, sendo flor, me arripiava, e fechava a minha corola, ao mais ligeiro contacto com o ar. Tinha medo, Senhor, e grande, dos aguaceiros, dos trovões, dos raios, dos vendavais; até os beijos ardentes do sol me enchiam de pavor... Sou, em obediência à tua vontade, a viva encarnação do lótus; conservo, pois, a minha primordial natureza... e tenho medo, Senhor, tenho medo da terra e de tudo o que nela vibra... Que moarda me destinas?

Krisna levantou os olhos, plenos de sabedoria, para as estrelas, reflectiu uns momentos e disse depois:

— Queres viver no alto das montanhas?

— Neves eternas ali repousam; faz lá tanto frio, senhor! Tenho medo!

— Então vou mandar construir um palácio de cristal no fundo do lago...

— Nas profundezas aquáticas vivem serpentes e nadam mil répteis; tenho medo, Senhor!

— Preferes as estepes sem fim?

— Oh, Senhor! Os furacões e as tormentas varrem-nas continuamente, como rebanhos selvagens...

— Para onde te mandarei, pois, ó viva encarnação do lótus?... Ah! Nas cavernas de Elora estão os santos anacoretas... Queres ir para longe do mundo, para as entranhas da Terra?

— Ai não há luz, senhor; tenho medo!

Krisna sentou-se num penhasco e apoiou a cabeça nas palmas das mãos. A virgem estava diante dele, trêmula e sobressaltada.

Entretanto, os primeiros fulgores do alvorecer começavam a iluminar o horizonte. O lago, as palmeiras e os bambus, em breve tomaram a cor de ouro fino. O côro das rosadas garças reais, dos anilados grous e dos cândidos cisnes, nas águas, dos pavões reais e dos bengalins, nas florestas, romperam em suaves melodias, acompanhados pelos sons de umas cordas invisíveis, afinadas na concavidade de uma concha de pérola.

E as notas de uma canção humana suavemente ondularam pelo espaço...

Então Krisna abandonou a sua cogitação e exclamou:

— E' o poeta Walmiki que saúda o novo dia.

Ao cabo de um instante, desercrou-se o longo e espesso véu das purpúreas flores dos cipós, e, de pé, à margem do lago, apareceu Walmiki.

Mas de repente emudeceu: tinha-se-lhe deparado a viva encarnação do lótus. A concha escorregou-lhe vagarosamente da mão até cair no solo: fluíram-lhe os braços ao longo das coxas, e ficou imóvel, como se o grande Krisna o tivesse convertido numa árvore, à beira da água.

O Deus regozijou-se com o assombro que, no poeta, despertara aquela sua criação, e disse:

— Desperta, Walmiki, e fala.

E disse Walmiki:

— ... Amo!

Era a única palavra que lhe ocorria, a única que lhe foi possível pronunciar.

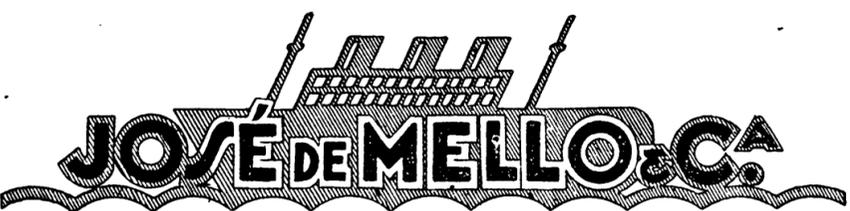
O rosto de Krisna sbitamente iluminou-se.

— Oh, virgem maravilhosa! Já encontrei no mundo a mansão digna de ti: viverás no coração do poeta.

E Walmiki murmurou de novo:

— ... Amo!

A vontade do poderoso Krisna empurrou então a virgem para o coração do poeta, que se tornou, pela própria vontade de Deus, transparente como o cristal.



JOSE DE MELLO & CIA.

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Fabricantes
e Negociantes estrangeiros e nacionais

Serena como uma aurora de estio e clara como as ondas do Ganges, entrou a virgem na urna que lhe estava reservada. Mas, de súbito, ao contemplar de perto o coração de Walmiki, o rosto da donzela empalideceu, e o pavor, semelhante a um vento gelado, empolgou-a.

Krisna ficou pasmado.

— Oh, sublime encarnação do lótus! — exclamou. — Por acaso, também terás medo do coração do Poeta?

— Senhor! — respondeu a virgem. — Que mansão me reservaste! Nela vejo reunidos os nevados cumes das montanhas e as profundidades das águas, povoadas de monstros, e as estepes, com os seus furacões e tempestades, e as lóbregas cavernas de Elora, e tenho medo, Senhor, tenho medo...

Então, o sábio e bondoso Krisna respondeu:

— Sossega, ó sublime encarnação do lótus!...

Se no coração do poeta existem as neves eternas, tu serás o morno alento primaveril que as derreterá; se vivem nele as profundezas aquáticas, tu serás a pérola que as animará; se nele se estende toda a imensidade das estepes, tu semeáras pelo chão as flores da bemaventurança; e, se ali reina a escuridão das lóbregas cavernas de Elora, tu serás o raio de sol que as há-de iluminar.

E Walmiki, que, entretanto, havia recobrado a palavra, acrescentou:

— E serás a benvinda!

(Do livro O SENHOR SECRETÁRIO, tradução de Isolino Caramalho.)
Edições Gleba.

"A Servidão de Barcelos a Guimarães,"

Conclusão

de praça pública do que a um problema de interesse nacional.

O Autor deste folheto firma-se agora em uma nota do historiador Alfredo Pimenta, na sua «1128 — Guimarães — 1940», em que se fala assim: A propósito de Ceuta, corre nos monógrafos, e o próprio João de Meira lhe deu crédito, uma história que nos parece ser da carochinha. E desabafa o Autor de «A Servidão de Barcelos a Guimarães»: — «Não tenho dúvida nenhuma que o é!»

Eis a grande descoberta do Autor de «A Servidão, etc.»: — que o é!

Para além daquela nota do historiador Alfredo Pimenta há ainda este passo que Mancelos Sampaio não viu: «O encargo existe. Mas não se fala em pena, nem em Ceuta».

Nem em Ceuta — diz Alfredo Pimenta. E aqui, quanto a Ceuta é que ao monógrafo de «1128 — Guimarães — 1940», tudo lhe parece uma história da carochinha, não quanto ao encargo, porque também afirma: «Mas a servidão existia — isso é inegável. O que se ignora é a sua origem verdadeiras».

Agora, sim, pode Mancelos Sampaio dizer: que o é!

Ceuta não deu origem à servidão — esta teve uma causa que não está esclarecida, nem me parece que valha a pena andar a perder tempo com um assunto que já tem outros seus irmãos, e ninguém toca no caso.

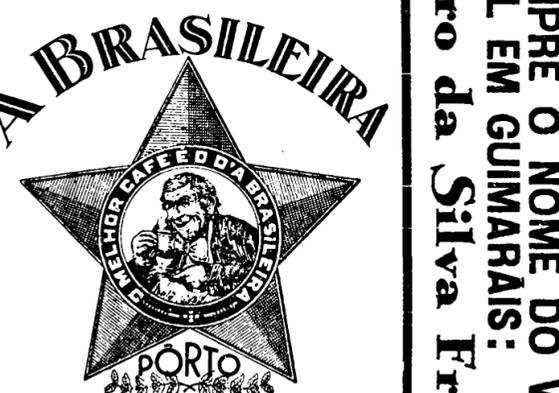
O grande acontecimento, chave dos descobrimentos portugueses, não provocou qualquer castigo à gente de Barcelos, nem com ele os barcelenses foram menos dignos do que os vimezanenses. «A história da carochinha», na expressão do historiador Alfredo Pimenta, é relativa à atitude em Ceuta, nunca ao serviço — que o Sr. Mancelos Sampaio não abarcou. E assim é que está rigorosamente certo.

Mas, dirá o leitor, que interesse tem um folheto que se ocupa de um tema recuado e sem finalidade próxima?

Dir-lhe-á, para sossegar: conhecer-se um espírito que colecciona datas, apontamentos, notícias geológicas — mas não constrói e não tem qualquer brilho literário na exposição.

Jorge Antunes.

O Melhor Café
é o d'A Brasileira



EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDE-DOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas

Vendedor oficial em GUIMARÃIS
PEDRO DA SILVA FREITAS
11, Rua de Santo António, 13

OURIVESARIA

Aureliano Fernandes, Sucessor

Rua da República TELF. 4346

JOIAS — RELOGIOS — PRATAS

Objectos modernos. Preços agradáveis



alegria de viver
mocidade
beleza

UM PRODUTO
HOFALI
ALTA PERFUMARIA

AGUA DE COLONIA FLORES DE MAIO

— A' venda nos bons estabelecimentos de Guimarães —

QUINTAS Vendemos nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade. 365

ERIDO Precisa-se, solteiro, que conheça de lavoura e jardinagem ou só de lavoura, interno, que dê referências. Falar no Largo do Tournal, 68 — Guimarães 551

A Auxiliadora — R. da República, 70, Telefone, 4470.

Lide e propague o «Notícias de Guimarães»

NOTÍCIAS DO EPIPISTA

SECÇÃO CHARADÍSTICA

dirigida por Lusbel.

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.) sin. de Bandeira.

Torneio de Charadas em Prosa

IV Etapa -- Aferesadas

- 1) A insensatez de certos actos chega a não merecer tratamento. — 3-2
- 2) Tem cuidado, porque uma má acção dificilmente se encobre. — 3-2
- 3) O bom nome é o melhor iman para as agulhas da intriga. — 4-3
- 4) A crítica, mesmo quando injusta, os persistentes não dissuade. — 3-2
- 5) Projectar grandezas é a mais fútil ideia que se pode sugerir. — 3-2
- 6) Teima sempre quem confia. — 3-2
- 7) A integridade impõe-se pelas acções bem feitas. — 3-2
- 8) E' iníquo o castigo que não tem por base a justiça. — 4-3
- 9) O benefício dumã sa amizade é a única esmola que o pobre pode executar. — 3-2
- 10) O amor verdadeiro despreza o dinheiro. — 3-2
- 11) Triste triunfo o que se obtém sem valor. — 3-2
- 12) O verbo é o diamante bruto que o bom orador trabalha. — 3-2
- 13) O dissabor dum, doutros é prazer. — 3-2
- 14) As vitórias valorizam-se ante as dificuldades. — 2-1
- 15) Tristes pensamentos os das almas que têm a ambição das ostentações. — 3-2
- 16) As labaredas da morte queimam todas as acções perversas. — 2-1
- 17) As desavengas tornam irrealizáveis muito boas intenções. — 5-4
- 18) Conjecturas falsas expõem-nos a más situações. — 4-3
- 19) Duvidoso é o Futuro. Só o Passado é verdadeiro. — 3-2
- 20) Quem atalha sai, quasi sempre, do bom caminho. — 3-2
- 21) Agitar nma questão sem a decidir vale mais que decidi-la sem a agitar. — 3-2
- 22) A indigência ofusca muitas das vezes um passado honrado e uma vida cumpridora. — 4-3
- 23) A caridade é um Bem que todos deviam praticar. — 3-2
- 24) O amor é o tirano da vontade. — 3-2
- 25) Perdão os que erram, e mais ajuda os que reconhecem o seu pecado. — 3-2
- 26) As minúcias são próprias dos espíritos inferiores. — 4-3
- 27) O perdão hora quando é dado por aquele que acusa. — 3-2
- 28) A significação das palavras derivam muitas vezes do conceito em que deve ser julgado. — 3-2
- 29) Pensa que a vida é bela e alcançará a felicidade. — 3-2
- 30) Afirmção honesta boa fama cultiva. — 3-2
- 31) Proibida te não ex ge sabedoria. — 5-4
- 32) Mortificam mais o espirito as penas que se occultam. — 3-2

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

17.º 50

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Oficina; amor (ant.). 2 — aluziar; sério. 3 — insolência (ant.). 4 — radícula; abreviatura de santo. 5 — portar-se; assustar. 6 — cana-reira; braço de ria. 7 — ajuntar (ant.); sim. 8 — a plebe; empreendedores. 9 — utilizada. 10 — Marte ou Jupiter; do lombo. 11 — afouteza; opulência.

Verticais: 1 — Adoração devida a Deus; cima. 2 — julgar; reunir num todo. 3 — comissão encarregada de examinar o mérito de pessoas ou cousas; cobrir de nata. 4 — dardo; ligação. 5 — corpo que interrompe ou dificulta a comunicação da electricidade. 6 — multidão; combate. 7 — namorado (de si). 8 — mais longe; melancolia. 9 — livro que contém a ordem e as palavras da missa; mestre. 10 — ludibriar; acalmar. 11 — vamos! diz-se dum porco corpulento e de perna alta.

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 27 de Fevereiro.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

ANÚNCIO

Faz-se público que das escrituras de 1 de Julho do corrente ano, lavradas pelo notário abaixo assinado consta o seguinte:

— Que fôra alterado o art.º 4.º da sociedade BRITO & GOMES, LIMITADA, com sede em Vizela, ficando redigido nestes termos — «Art.º 4.º — Todos os sócios são gerentes, sem caução, mas para que a sociedade seja obrigada é necessário que a firma seja assinada por dois sócios conjuntamente, excepto nos documentos de mero expediente e nas cessões de cotas, no todo ou em parte, que à mesma sociedade pertençam» ;

— que essa sociedade cedera da cota de 75.000\$00, que havia comprado ao então sócio Alfredo Alves Ferreira de Brito, 3/5, correspondentes a 45.000\$00, ao sócio da mesma Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria, que também usa o nome de Manuel Faria, solteiro, maior, industrial, do lugar do Mourisco, da vila de Vizela, e 2/5, correspondentes a 30.000\$00, ao também seu sócio Justino da Silva Gomes, casado, industrial, morador no Bairro Honório, Casa de San-

to António, de Vila Nova de Gaia;

— e que fôra feito o reforço do capital da dita sociedade com 200.000\$00, subscrito por dois novos sócios Flávio de Faria, casado, industrial, morador na rua Doutor Abílio Tôrres, e José António Freitas Faria, solteiro, maior, empregado industrial, morador no dito lugar do Mourisco, ambos daquela vila de Vizela, cada qual com a cota de 100.000\$00, ficando o art.º 3.º do pacto (social a vigorar, digo) redigido nestes termos:

— Art.º 3.º — O capital social, integralmente realizado, e representado pelos valores do activo, é constituído por quatro cotas, sendo a do sócio Manuel Faria de 275.000\$00, a do sócio Justino Gomes de 175.000\$00 e a de cada um dos sócios Flávio Faria e José Faria de 100.000\$00.

Guimarães, 22 de Setembro de 1943.

O notário, 556

Francisco Moreira Sampaio.

Vendem-se 2 portas de ferro (4 folhas) de que se pode fazer um portão de 2,64 de alto e 2,56 de largo.

Tratar com GOMES ALVES — Largo do Tournal — Guimarães. 546